

Opinião do GLOBO

Um dia para celebrar a democracia

Ao enfrentar seu teste mais duro — a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023 —, as instituições resistiram

A primeira e mais evidente lição a extrair do fatídico 8 de Janeiro de 2023 é que a vigília pela democracia precisa ser permanente. Os riscos estão sempre à espreita, e não deve haver trégua ante a ameaça do golpismo. A segunda lição, corroborada pelos acontecimentos posteriores, é a contação loudável de que, mesmo enfrentando seu teste mais duro nas quase quatro décadas desde o fim da ditadura militar, a democracia brasileira resistiu. É essencial entender por quê. Para evitar que o pior venha a acontecer de novo e celebrar a vitória da democracia, é preciso conhecer em detalhes o que deu errado — e o que deu certo.

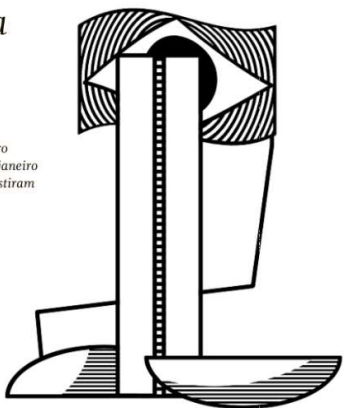
Naquele dia, num dos episódios mais sombrios da História do Brasil, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e depredaram as sedes dos três Poderes em Brasília em atos de vandalismo sem precedentes. Num primeiro momento, poderia parecer apenas uma manifestação forçada de controle em razão da negligência da polícia. Não era. Foi uma tentativa de golpe de Estado, planejada e articulada ao longo dos meses que se seguiram a derrota de Bolsonaro para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Havia método no caos que tomou a capital da República uma semana depois da posse de Lula. Os golpistas foram convocados pelas redes sociais. Organizadas e financiadas por voluntários "patriotas", caravanas afluíram a Brasília, depois de semanas de acampamento na frente de sedes militares por todo o país. Nos dias anteriores, houve bloqueios de estradas e até uma tentativa frustrada de atentado no aeroporto da capital federal.

As hordas não tiveram dificuldade para avançar na Praça dos Três Poderes e invadir as sedes do Supremo Tribunal Federal (STF), do Congresso e do Palácio do Planalto. Em vez de conter a multidão, muitos policiais confraternizavam com invasores até facilitavam o assalto ao patrimônio público. Enquanto a República era depredada em Brasília, golpistas fechavam estradas e bloqueavam o acesso a refinarias de petróleo no país. No dia seguinte, ainda houve ataques a 11 torres de transmissão de energia.

No momento mais crítico, o então secretário de Segurança do Distrito Federal, Anderson Torres, passava por Miami. Em sua casa, a polícia depois encontrou a minuta de um decreto para instituir um inédito "estado de defesa" no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e mudar o resultado das eleições. Torres disse que o documento não tinha valor jurídico e seria descartado.

Hoje não há dúvida de que as intenções dos golpistas eram as pio-



res. Em entrevista ao GLOBO, o ministro Alexandre de Moraes, relator dos processos sobre os atos antidemocráticos no STF, revelou que havia planos de matar o presidente, mas que a morte não foi o objetivo. "Eu deveria ser preso e enforcado na Praça dos Três Poderes", afirmou.

Se o roteiro do golpe fracassou, foi porque Executivo, Legislativo e Judiciário agiram prontamente, de maneira firme e coordenada, para preservar as instituições e a democracia. Chefes dos três Poderes fizeram questão de mostrar um lado num momento crucial. A imprensa, cumprindo seu papel, manteve a população informada antes e durante os acontecimentos. As Forças Armadas, é preciso reconhecer, também deram sua contribuição para a manutenção da normalidade democrática quando sua cúpula, instada a tomar parte no golpe, recusou em peso envolver-se no trauma. Os governadores também não se omitiram. No dia seguinte ao caos, depois do afastamento temporário do governador do Distrito Federal, Lula se reuniu com representantes dos governadores de oposição. Foi uma cena histórica. Diante dos riscos concretos, viu-se que não é fantasia afirmar que o Brasil tem instituições fortes e operantes. É fato.

O comportamento da classe política brasileira mereceu elogios mundo afora. A direita brasileira, com exceção dos extremistas, deu uma resposta mais robusta à crise do que a americana depois da invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. "Todas as principais figuras da direita brasileira aceitaram o resultado na noite da eleição e foram muito rápidas e duras ao denunciar a violência cometida no 8 de Janeiro. (...) muito diferente do que os republicanos fizeram nos Estados Unidos", afirmou ao GLOBO o cientista político Steven Levitsky, da Universidade Harvard.

Golpistas que participaram do quebra-quebra, financiadores, ideólogos, incentivadores e agentes que se omitiram no 8 de Janeiro estão sob investigação e julgamento nos termos da lei. E o que deve ser

feito. Dos mais de 2.100 presos, 66 permanecem detidos. Até agora mais de 30 réus foram julgados e condenados a penas de até 17 anos por crimes como associação criminosa, dano qualificado, abolição violenta do Estado Democrático de Direito, tentativa de golpe de Estado e deterioração de patrimônio tombado. Réus que não participaram de atos violentos foram autorizados a firmar acordos de não perseguição penal, com penas mais brandas. O importante é que o julgamento e a punição dos golpistas se deem dentro da lei e dos ritos judiciais. Com amplo direito de defesa, sem revanchismo nem sentimento de vingança. A oposição tem criticado as prisões e as penas, mas Moraes rechaça as críticas: "A justiça tem que ser igual para todos", diz. "Se as penas máximas fossem aplicadas em todos os cinco crimes, pegariam mais de 50 anos, mas pegaram 17 (no máximo)."

Para além de punir os executores, é necessário aprofundar as investigações para chegar aos mandantes. Sobretudo, é essencial estabelecer que papel — se algum — tiveram o ex-presidente Jair Bolsonaro e outras autoridades na tentativa de golpe. Para Moraes, caso fique comprovada a participação de políticos, eles devem ser aliados da vida pública. "Quem não acredita na democracia não deve participar da vida política do país", afirmou.

Felizmente, o país voltou à normalidade democrática. Lula cumpre o mandato para o qual foi eleito. O Congresso escolhido pelo povo faz seu trabalho. O Judiciário joga com independência. A imprensa exerce seu papel fundamental de informar e fiscalizar. Tudo isso só foi possível porque a sociedade, mesmo cindida nas urnas, rechaçou com firmeza a trama golpista que tentou encerrar o mais longo período democrático da História do Brasil. A lamentar, nas comemorações previstas para amanhã, apenas a ausência de governadores da oposição, sob as mais diversas alegações. Nada deveria ser mais importante do que celebrar a vitória da democracia no 8 de Janeiro.

Artigos

opinioes.globo.com/colunista/

MERVAL PEREIRA



Blog: opinioes.globo.com/colunista/mervalpereira

Quem planejou?

No plano político, a reação ao 8 de Janeiro tem sido bem-sucedida, culminando com a cerimônia marcada para amanhã em Brasília. Não se poderia mesmo deixar que entrasse no rol das coisas banais, como querem muitos, a rebelião organizada na Praça dos Três Poderes.

O objetivo, está mais do que claro, era criar um clima propício à deflagração de um golpe. Como não conseguiram a adesão do Alto Comando das Forças Armadas, embora a tivessem de alguns de seus membros, planejaram a baderna para permitir que esses adesistas minoritários apoiassem o golpe diante do caos instalado.

É verdade que o ato de amanhã mais parece uma reunião governista do que de Estado. A ausência de governadores do Sul e do Sudeste, apoiadores de Bolsonaro, indica que existe uma resiliente força política que não pretende avalizar a cerimônia, negando-lhe a finalidade de "defesa da democracia".

Até pouco tempo atrás, não havia os que assumissem uma crítica aberta ao governo pela organização da manifestação de amanhã, embora muitos a atribuíssem a uma suposta politização, a uma manipulação de fatos para dar resumo à atual administração. Os governadores deram desculpas esfarrapadas para a ausência: férias, exames médicos, obstáculos corriqueiros que deveriam ser superados pelo compromisso político de apoiar a democracia.

Só nos últimos dias começou a ser quebrada essa resistência, diante da necessidade de um posicionamento mais claro. O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, resolveu aderir à manifestação. Um grupo de senadores, liderado por Rogério Marinho, sofreu uma nota criticando a movimentação governista, atribuindo-a a uma politização partidária contra o que não passou de uma baderna espontânea.

A medida que o caráter institucional da cerimônia de amanhã — com a presença dos presidentes dos três Poderes e dos comandantes das Forças Armadas — ficou claro, seus opositores sentiram-se compelidos a dar um caráter político às suas ausências, desistindo das desculpas prosaicas ou compreendendo. Não será surpresa se governadores ainda relutantes derem as caras em Brasília.

O do Distrito Federal, Baneza Rocha, ganhou de Lula uma boa desculpa. Ao acusá-lo de estar em conluio com o ex-presidente Bolsonaro, provocou uma reação indignada que da base à sua recusa em participar da cerimônia. Os que assumem a tática narrativa de que houve uma baderna, mas não havia planejamento nem objetivo além do de protestar, julgam que as pessoas são idiotas.

Claro que a baderna tinha um objetivo: criar um clima que favorecesse o golpe. Não foi espontânea, pessoas alagaram ônibus no país inteiro, os acampamentos em frente aos quartéis do Exército tinham o apoio financeiro que permitia que lá permanecessem com apoio logístico e moral. No respaldo dos acontecimentos de um ano atrás, surgiu a revelação de que um dos objetivos dos revoltosos seria prender o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes — considerado o inimigo número um dos badernistas —, mas não há informações que validem uma outra hipótese levantada: a de que alguns queriam mesmo mesmo enforcá-lo na Praça dos Três Poderes.

O próprio ministro disse não ter levado a sério essa última ameaça. Mas dizer que o 8 de Janeiro não foi uma tentativa de golpe é pelo menos um erro de interpretação. Fizeram tudo aquilo com a intenção de chamar a parte do Exército golpista a assumir o poder. Não deu certo, mas a ideia era essa — não era apenas quebrar e ir para casa. E a reação está sendo muito correta e enérgica como devia ser. Não é possível achar que se pode invadir o Supremo, o Congresso, o Planalto e tudo bem. Toda rebelião tem consequências, para um lado ou para outro. Ainda bem que deu errado para quem estava querendo o golpe. Os relatos de que aconteceu naquele dia são impressionantes. Não se pode brincar com essas coisas nem minimizar o que aconteceu. Foi gravíssimo. A investigação tem que chegar rapidamente a quem planejou, a quem financiou.

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: Jairo Roberto Moreira

VICEPRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira

PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO: <http://globo.com/pt/pt>

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

ED. TORRES: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

DIRETORIA: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de

VENDEDOR DE BANCAS: Rafaela de Almeida, Thiago Pardo, Hugo Pereira e Reginaldo de